

A BIBLIOTECA ESPÍRITA IDEAL: O CATÁLOGO DA LIVRARIA EDITORA DA FEB
E A DIFUSÃO DE UM PROJETO DOUTRINÁRIO ESPÍRITA NO BRASIL (1930-1940)*

ANA LORYM SOARES**

RESUMO: Neste texto o objetivo é mapear e problematizar o repertório de leituras de que os espíritas brasileiros dispunham na primeira metade do século XX, através da prescrição da Federação Espírita Brasileira (FEB), por meio do catálogo da sua livraria e editora. A FEB surge em fins do século XIX e paulatinamente vai-se constituindo como instituição referencial e hegemônica dentro do movimento espírita brasileiro, e nesse influxo, toma para si a função de delimitar os discursos tidos como legítimos, bem como suas formas de difusão e apropriação. A produção literária espírita e a sua veiculação (ou não) através do catálogo da livraria editora da FEB emerge nesse contexto como síntese da expressão cultural e religiosa que o espiritismo vai consolidar no Brasil em meados do século XX, tanto frente aos concorrentes externos como internos ao meio espírita. Assim, podemos considerar o catálogo da FEB como suporte de inscrição de uma ideologia pertinente ao grupo hegemônico e um espaço de relações de força no qual se impõe o poder, por exemplo, de rejeitar ou consagrar autores e publicações, como também de impor as maneiras de empreender o contato com as obras.

PALAVRAS-CHAVE: Catálogo. Federação Espírita Brasileira. Literatura Espírita.

INTRODUÇÃO

O espiritismo chega ao Brasil, na década de 1860, quando textos do pedagogo lionês Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec, passam a circular entre segmentos letrados de camadas médias urbanas, como Salvador e Rio de Janeiro, inicialmente e, depois, de forma generalizada em outras cidades. Seus livros dão origem ao que se compreende como doutrina espírita,¹ e passam a ser lidos por aqueles que professam a nova crença e indicados como fundamentais a todos que se interessem, de algum modo, pelo universo cultural espírita.

* Este trabalho deriva de pesquisa mais ampla que se volta para a literatura espírita brasileira produzida e difundida entre os anos de 1940 e 1960. A pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito do PPGHIS-UFRJ.

** Aluna do Curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGHIS/UFRJ. E-mail: analorym@gmail.com

¹ As cinco obras de Kardec fundantes da doutrina espírita são: *O livro dos espíritos* (1857), referente à parte filosófica; *O livro dos médiuns* (1861), relativo à parte científica; *O evangelho segundo o espiritismo* (1864), sobre a parte moral e religiosa; *O céu e o inferno*, sobre a visão da justiça divina segundo o espiritismo (1865); *A gênese* (1868), que trata dos milagres e das predições de um ponto de vista supostamente científico.

Expressão religiosa de base letrada, o espiritismo tem a produção e o consumo sistemático de livros como estruturantes de suas práticas e discursos que contribuem na definição do *habitus* dos seus praticantes (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009: 235). Nesse sentido, para além dos textos considerados básicos da doutrina, é comum a veiculação de novas obras que, através de gêneros narrativos diversos, buscam dar conta da variedade de temas e questões relativas ao tríplice aspecto da doutrina espírita: científico, filosófico e religioso, conforme definem os seus cultores.

No Brasil, essa literatura chega às mãos dos leitores, sobretudo, através da mediação da Federação Espírita Brasileira (FEB) que, criada no Rio de Janeiro, em 1884, foi-se paulatinamente constituindo como instituição definidora dos contornos discursivos e político-religiosos do espiritismo brasileiro (SANTOS, 1997: 11). Mesmo não contando com uma editora própria até o final dos anos 1930, a FEB, por meio de sua livraria, possibilitava a circulação das obras espíritas em todo o país, tanto de escritores estrangeiros, como nacionais – considerados médiuns ou não. Essa variedade de textos e autores pode ser mapeada através do catálogo da FEB,² que como foi possível verificar, não só os divulgam, mas os enredam numa dinâmica de prescrição e validação dos discursos e autores nele veiculados.

Destarte, o propósito maior deste trabalho é acompanhar como essa dinâmica dar-se a ler como um projeto pedagógico-doutrinário espírita no Brasil, especialmente nas décadas de 1930 e 1940. O meio fundamental de acesso a esse processo foi o catálogo da livraria e editora da FEB, analisados a partir de uma perspectiva de história cultural, que se volta para a história do livro e das práticas letradas. Nesse sentido, nomes como Roger Chartier, Bruno Latour, e Pierre Bourdieu são interlocuções pertinentes para subsidiar essa empreitada e, de maneiras complementares, ajudam a dar conta do universo de produção dos textos, de suas formas de inscrição e difusão, bem como dos jogos de poder envolvidos na validação e codificação das obras resultantes desse movimento, no caso, das obras espíritas.

OS CATÁLOGOS DA FEB E SEUS CONTORNOS MATERIAIS E ESTÉTICOS

² Para a realização desta pesquisa foram utilizados apenas os catálogos relativos aos anos 1938, 1939, 1944, 1945, 1946 e 1949 do Catálogo da Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira.

O catálogo de uma livraria ou de uma editora é um objeto que veicula o resultado de uma operação que torna possível o ordenamento de um universo de textos, num dado momento. Produzido numa ordem específica que tem regras, convenções, interesses e hierarquias próprios, o catálogo acaba por submeter as obras e os autores que arrola a uma lógica específica, a critérios particulares de inserção e exclusão. Funda-se (ou refunda-se), a partir dessa operação, em certo sentido, uma ordem dos livros (CHARTIER, 1999: 07-09). Desse modo, a noção de catálogo pode ser tomada como um lugar de inscrição, como sugere Bruno Latour, ao refletir sobre a relação entre a produção de conhecimento e as instituições e suportes dos quais são oriundos esses saberes. Um catálogo seria, portanto, um lugar de desenho intelectual, de inscrição de um projeto de homogeneização de um discurso (LATOURE, 2008: 21-44).

O catálogo da livraria editora da FEB surge em paralelo a um projeto editorial que se desenvolve paulatinamente no decorrer das primeiras décadas do século XX. Ao lado da revista oficial dessa instituição, *O Reformador*, o catálogo leva ao público, de forma sucinta e antecipada, as informações sobre livros e autores espíritas e correlatos – aqueles que, mesmo sem serem espíritas, estavam, por alguma razão, autorizados a circular nesse meio –, constantes no rol elaborado pela FEB.

Do mesmo modo, os catálogos da FEB servem de vetor para o discurso espírita construído ou filtrado no âmbito da instituição que buscava deter, naquela época, a primazia nos destinos dos crentes na doutrina de Allan Kardec em terras brasileiras: a FEB. As páginas do catálogo materializavam a “voz institucional” que, ao listar autores e obras a serem adquiridos, lidos e estudados, tecia interpretações prévias sobre eles e ditava os meios pelos quais se deveria proceder essa aproximação. A mesma “voz” justifica tal empreendimento, diretamente ao leitor do seu catálogo, da seguinte forma:

Leitor amigo

O mundo contemporâneo debate-se em crise temerosa, qual jamais registaram [sic] os fatos da sua história.

Nunca, de fato, como ao presente, a humanidade precisou encarar de frente o problema da sua origem, da sua consciência e dos seus destinos.

Resolver em tésse [sic], teoricamente, êsses [sic] problemas, não basta, nem basta crer. É preciso conhecer e saber, para firmar convicções seguras e sobranceiras a todas as vicissitudes, surpresas e precalços [sic] contingentes.

(...)

Neste catálogo o leitor encontrará as obras em língua [sic] vernacula [sic], do que de melhor se tem produzido no assunto, quer de autores nacionais, quer estrangeiros.

A grande aceitação, e avidez mesma, que suscitam os postulados doutrinarios [sic], de franca atualidade, encarecem nosso estímulo [sic] na conceituação do serviço que assim prestamos á [sic] bôa [sic] causa da regeneração moral da Humanidade. Assim entendas tu, leitor amigo, e teremos por havido o nosso melhor galardão. (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1938:03).

Ao apontar como necessário o “conhecer” e o “saber” para o enfrentamento dos acontecimentos do mundo moderno e recebidos como resultantes de uma crise moral, os responsáveis pela edição do catálogo e dos livros da FEB consignavam às obras presentes em seu catálogo o papel de antídoto para esse problema. Assim, a “regeneração moral” propugnada no texto de apresentação do catálogo de 1938, tinha como aliado singular o *corpus* textual difundido pelo catálogo da Federação. Caberia ao “leitor amigo” captar a mensagem para que a FEB pudesse garantir o “galardão” anunciado.

Após o público supostamente compreender que o estudo das obras espíritas era algo imprescindível, persistia, contudo, como defendiam os editores da FEB, um empecilho: no mesmo mundo moderno, eivado por adversidades, no campo da moral, havia também dificuldades cotidianas de natureza prática, como por exemplo, a exiguidade de tempo para a seleção de obras a serem lidas. Essa seria uma das vocações do catálogo, como se pode ler no trecho a seguir:

Um catálogo bem feito, resumindo em esposição [sic] sintética, as matérias versadas nas obras em que enfeixa e apresenta á escolha dos leitores, é uma visita muitas vezes bemvinda [sic] em nossa casa. Util [sic], pela facilidade que põe ao nosso alcance na seleção do que desejamos ler, concorre, ainda, com sua ajuda no emprego do tempo escasso que a todos oprime neste instante que vivemos, cheio de problemas difíceis [sic] a resolver, na agitação da vida moderna. Dispomos apenas de poucos minutos para a aquisição das atividades necessarias [sic] á vida, não sobra tempo á maioria dos homens, para uma demorada visita ás Livrarias, a fim de, em rapido [sic] manuseio, proceder a escolha da sua leitura predileta (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1939:01).

O catálogo supre essa falta de tempo. No aconchego do lar, em momentos de lazer, as suas páginas apresentam á apreciação do leitor, em forma resumida, os assuntos tratados nos livros de que se compõe. Na opinião dos seus editores, um catálogo como esse deveria, portanto, ser “bem feito”, “sintético” e “útil”. Somente assim, ele seria uma “visita bem-vinda” na “casa dos leitores”.

A produção do catálogo foi uma iniciativa editorial concebida no âmbito de um projeto de difusão do livro espírita no Brasil, que se propôs a ser uma espécie de vitrine do espiritismo, conforme se apresentava a doutrina naquele momento. Não foi possível precisar a

data na qual teve início a produção do catálogo, mas presume-se, a partir dos dados compulsados, que ele passou a ser confeccionado nos primeiros anos do século XX. Contudo, a prática de divulgar as edições convenientes aos espíritas federados já acontecia através das páginas do periódico oficial da FEB, *O Reformador*, numa seção denominada “Bibliografia”, bem como no catálogo da antiga Livraria Garnier, que também disponibilizava aos interessados edições veiculadas pela Federação.³

O Catálogo da FEB era um livreto cujo formato variava entre 12 x 17,5cm e 13,5 x 18,5 cm, circunscrito a uma média de sessenta páginas por exemplar. Trata-se de um tipo de publicação cuja execução gráfica não era complexa e materializada em papel próprio para a impressão de jornal. Os folhetos se apresentavam com poucas ou nenhuma gravura e quase não utilizavam cores. Apenas na arte gráfica das capas e de páginas de abertura de algumas seções, verificava-se o uso de cores diferentes, como por exemplo, a cor azul para o catálogo de 1938, marrom para o de 1946 e vermelha para o de 1948 (Figuras 1, 2 e 3).

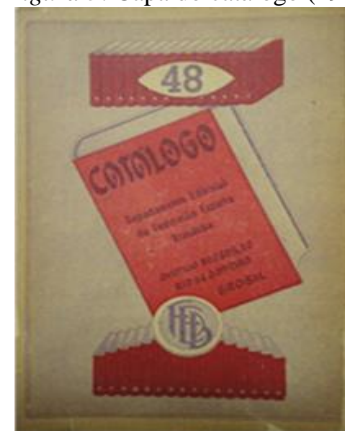
Figura 1: Capa do catálogo (1938)



Figura 2: Capa do catálogo (1946)



Figura 3: Capa do catálogo (1948)



Não é possível estabelecer as tiragens, mas conjectura-se, que não eram inferiores a cinco milheiros. Seja qual for o número de catálogos ofertados ao público anualmente, o acesso era franqueado, bastando, para tanto, solicitar o seu recebimento via correios, ou mesmo, retirá-lo pessoalmente na livraria da FEB ou nas instituições vinculadas a ela. Interessava, contudo, aos editores do catálogo, ampliar o seu público, no intuito de divulgar

³ Não foi ainda possível precisar o espaço de tempo que essa parceria se efetivou, mas ao levar em consideração que a Livraria Garnier desenvolveu suas atividades de edição e venda de livros, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1844 e 1934, certamente, a veiculação de obras espíritas em seu catálogo se deu no interregno entre o final do século XIX, quando foram iniciadas as atividades editoriais da FEB e a década 1930, limite temporal de atuação da Garnier no Brasil.

cada vez mais as publicações pelas quais eram responsáveis. Isso pode ser verificado no fragmento da advertência ao leitor que consta na primeira página do catálogo de 1938, em que se roga “(...) aos confrades do interior, que nos queiram prestar o seu valioso concurso, a gentileza de fornecerem listas de nomes de pessoas a quem possam ser expedido o nosso catálogo, o que será feito graciosamente.” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1938: 01).

Ao longo das duas décadas verificadas nesta pesquisa percebeu-se que os editores se preocuparam em construir uma identidade visual para os catálogos. Porém, essa unidade ocorreu mais em relação às capas, visto que, internamente, o projeto gráfico era muito desigual. Em geral, observa-se irregularidade na divisão das subseções e na forma de apresentação dos autores e livros postos em destaque. Enquanto os autores são postos em destaque, nos catálogos dos anos 1930, com seus nomes realçados em letras garrafais e centralizadas e em tamanhos superiores às das demais informações constantes na página, as obras ficam em segundo plano. Situação que se altera, visto que no catálogo de 1944 as obras acabam por superar o destaque dado antes aos autores, pois, embora se preserve o autor como titular das subseções, ele aparece como uma pálida e diminuta referência, enquanto que os nomes dos livros ganham proeminência, página a página.

Uma inflexão também é percebida em relação às resenhas dos livros, que diminuem drasticamente em volume de texto e somem totalmente, em alguns casos, nos catálogos dos anos 1944, 1945, 1946 e 1949. Ao longo dos catálogos de 1938 e 1939 mantêm-se textos de apreciação de, em média, vinte linhas; no de 1944 em diante, essa média não ultrapassa cinco linhas. Em detrimento das resenhas ganham realce os variados tipos de edições nos quais as obras aparecem. Se antes elas se mantinham nos formatos brochura e encadernado para quase todas as publicações (com raras exceções de edições especiais), a partir de então a quase totalidade das edições têm versões brochadas, cartonadas, encadernadas, por vezes em couro, cada uma delas, obviamente, com preços distintos, visando leitores de perfis socioeconômicos diferenciados.

Essas transformações podem ser explicadas, entre outros, pelo fato de terem aumentado sensivelmente o número de obras e de autores elencados nos catálogos. Uma vez que se aumentou a quantidade de entradas e se manteve o número de páginas, teve-se que reduzir algumas informações: na economia interna do catálogo, as opções e os valores dos produtos ofertados ganharam relevo frente às longas linhas que buscavam, através da palavra,

convencer o leitor da necessidade de aquisição da obra. Percebe-se, por essa via, que, em termos de formato, a conformidade do catálogo foi-se consolidando em torno das qualidades aspiradas pelos seus editores, que consideravam que ele deveria ser “bem feito”, ou seja, dividido em seções e subseções plenamente distinguíveis e organizadas por ordem alfabética; “sintético”, pois deveria expor apenas as informações imprescindíveis para quem o quisesse comprar (título, autor, tipos de edição e valores); e “útil”, visto que apresentava, de uma só vez, as edições tidas como clássicas e as novidades no campo das publicações espíritas, bem como todas as informações necessárias para sua aquisição, sem que o leitor precisasse ir até a livraria.

O REPERTÓRIO DE TEMAS DO CATÁLOGO COMO ÍNDICE DE UM PROJETO PEDAGÓGICO-DOCTRINÁRIO ESPÍRITA

Quanto ao conjunto de obras e de autores que constituem o catálogo, é possível ver mais de perto a coerência temática que arregimenta o inventário das publicações espíritas, levado ao público por meio da FEB. Nesse aspecto é importante atentar, como salienta Eliana de Freitas Dutra, inspirada em McKitterick, para as estratégias de classificação que, via de regra, estão relacionadas ao controle dos meios de ler e de descobrir (DUTRA, 2005:161). Assim, observamos o enquadramento dos autores e a divisão temática feita a partir de cinco segmentos: *Filosofia espiritualista e ciências psíquicas*; *Biblioteca espírita infantil*; *Esperanto*; *Romances* e *Edições alheias*. Todas advindas dos pressupostos doutrinários que orientam a instituição responsável pelo catálogo.

Não obstante a classificação em cinco seções, duas delas incorporam a maior parte das obras que formam o catálogo: *Filosofia espiritualista e ciências psíquicas*, em primeiro lugar, e *Romances*, em segundo. Destas, a primeira tem duplo destaque, por ser a que abre o rol das seções e que veicula um maior número de obras e de autores. É também onde se elencam as obras basilares da doutrina, ou seja, os livros de Allan Kardec e aqueles considerados complementares a eles, como é o caso dos textos do filósofo francês Leon Denis, do químico e físico inglês William Crooks, do filósofo italiano Ernesto Bozzano, do engenheiro elétrico francês Gabriel Delanne, do astrônomo francês Camille Flammarion, entre outros. É com

lastro nessa concepção que se recomenda, no catálogo de 1939, o livro *Depois da morte*, de Leon Denis.

Esta obra é assaz conhecida e reputada, para dispensar louvores e preconcios [sic]. Basta dizer que consta inúmeras e sucessivas edições, em diversos idiomas. Leon Denis foi, a todos os títulos, na difusão da doutrina, o discípulo [sic] fiel de Allan Kardec, e mais que discípulo [sic], um verdadeiro apóstolo na integridade e na intrepidez do exemplo. Espírito de sólida cultura filosófica, alma dotada de vibratilidade intensa e senhor de um estilo admirável, as suas obras são, depois das de Kardec, as de maior apreço e repercussão na propaganda. Entre elas o Depois da Morte é sua “obra prima”, que tem convertido muitos incrédulos e vale por um Evangelho de Amor, tanto quanto por uma síntese segura de todos os problemas humanos, que a Revolução espírita suscita e resolve racional e logicamente (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1949:28).

Na mesma categoria que enfoca questões ditas científicas e filosóficas também figuram autores brasileiros considerados referenciais entre os espíritas, tais como o médico e político Bezerra de Menezes, com *A doutrina espírita como filosofia teogônica* e *A loucura sob novo prisma*; o advogado Antonio Luiz Sayão, com *Elucidações evangélicas*; o advogado e jornalista Carlos Imbassahy, com *A mediunidade e a lei*, *Espiritismo à luz dos fatos* e *Religião* e o médium Francisco Cândido Xavier, que em 1949 já consta na lista de autores com dezenove livros publicados, entre eles *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, obra que teria sido ditada pelo espírito do escritor Humberto de Campos (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1949: 19-20).⁴

No geral, as obras identificadas como pilares do espiritismo, por enfatizarem os aspectos ligados ao tripé ciência-filosofia-religião, são apresentadas em termos que evocam confiabilidade e legitimidade em relação às suas teses. Destarte, os livros dessa natureza são frequentemente expostos como aqueles em que se “registram e analisam, com rigor científico, provas irrefutáveis em favor das teses espíritas”, que “dirimem, em definitivo, questões controversas” ou que “contestam os trabalhos contrários à doutrina kardecista”

⁴ Segue lista dos livros de Xavier com o nome dos supostos espíritos que teriam ditado as informações a ele e que constam neste catálogo: Lázaro redivivo (Irmão X); Luz acima (Irmão X); A caminho da luz (Emmanuel); Reportagens de além-túmulo (Humberto de Campos); Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho (Humberto de Campos); Emmanuel (Emmanuel); Boa nova (Humberto de Campos); Crônicas de além-túmulo (Humberto de Campos); Novas mensagens (Humberto de Campos); Cartilha da natureza (Casimiro Cunha); Parnaso de além-túmulo (vários espíritos de poetas famosos); O consolador (Emmanuel); Nosso lar (André Luiz); Os mensageiros (André Luiz); Missionários da luz (André Luiz); Obreiros da vida eterna (André Luiz); No mundo maior (André Luiz); Agenda cristã (André Luiz); Volta Bocage... (espíritos de poetas variados).

(FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1945).⁵ Seus autores também costumam ser apresentados como os mais respeitáveis e renomados nos campos de estudos aos quais se dedicam. No catálogo, portanto, essas obras cumprem a função essencial de fornecer os principais argumentos sobre os quais se assentam os pressupostos fundamentais do espiritismo.

A categoria de obras que compõe a rubrica *Romances* vem secundada pela subscrição “Assuntos originais, Rigorosa moralidade, Ensinos edificantes” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1946: 42). Além disso, traz como orientação a seguinte passagem: “Coletânea de livros recomendáveis para as horas de lazer. Êles instruem, confortam e iluminam o espírito, aparelhando-o para vencer os mais rudes momentos da jornada terrena” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1946: 42). Embora distintos, em gênero, da rubrica anterior, os livros desta seção expressam um conjunto de mensagens edificantes, envolvidas em rigorosa moralidade, cuja fruição é recomendada, de preferência, para os momentos de lazer.

Os romances espíritas já aparecem, nos anos 1930 e 1940, como uma modalidade que gozava de significativo prestígio, em meio às demais produções desse nicho editorial. É o que se pode deduzir por meio das sucessivas edições de livros como *A vingança do Judeu* ou *O chanceler de ferro*, atribuídos a um espírito que se apresentava como conde J. W. Rochester. Esses livros teriam alcançado a cifra de alguns milhares de exemplares vendidos entre a década de 1920 – quando foi lançada a segunda edição de *A Vingança do judeu* – e 1940, marco da publicação de *O chanceler de ferro*.⁶

No que concerne ao enredo desses romances, parte significativa se faz a partir do pano de fundo histórico, que dá espaço para o entrelaçamento de casos amorosos, crimes e vingança, em que os personagens protagonizam situações as mais diversas e trazem à cena explicações espíritas sobre essas questões. É o que se exhibe ao leitor, por exemplo, no catálogo de 1939, na veiculação da trilogia atribuída ao espírito do escritor francês Victor Hugo, composta pelas novelas *Na sombra e na luz*, *Redenção* e *Do calvário ao infinito*,

⁵ Como exemplo cito as resenhas dos livros *Metapsíquica humana*, de Ernesto Bozzano; *O espiritismo perante a ciência*, de Gabriel Dellane; *Fatos espíritas*, de William Crookes e *Deus na natureza*, de Camille Flammarion, *A doutrina espírita como doutrina teogônica*, de Bezerra de Menezes; *A personalidade de Jesus*, de Leopoldo Cirne.

⁶ O livro *A vingança o judeu*, cuja segunda edição é de 1920 (a primeira edição não apresenta data), vendeu, até 1991, quando estava na 14ª edição, 140 mil exemplares; *O chanceler de ferro*, de 1940, vendeu 125 mil, até sua 13ª edição. Esses dados são atualizados até 1991 (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1992: 225-234).

eivadas por “Fatalidades de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isso que faz o tormento e a ilusória felicidade do mundo [...]” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1939: 59).

Nessa mesma esteira são apresentadas ao leitor, no catálogo de 1946, as sinopses das obras do autor espírita José Surinach: *Lídia*, *Spirictus maledictus* e *Memórias de uma morta*, todas novelas descritas como emocionantes e envolventes, sendo este último romance, depositário de temas relacionados ao “amor e ódio, crime e perdão” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1946: 51), vivenciados em momentos singulares da história ocidental, com destaque ao cenário de Roma dos tempos do cristianismo primitivo, lugar-comum das novelas mediúnicas.

Pode-se afirmar, desse modo, que os romances espíritas e espiritualistas difundidos nas páginas do catálogo da FEB, nas décadas de 1930 e 1940, trazem o lugar-comum da vulgata histórica como pano de fundo para suas tramas, que se mostram, em geral, imbuídas de um dever didático-moralizante, posto que as situações vivenciadas pelos personagens acabam por trazer à tona um arsenal conceitual de teor espírita, entremeado de proselitismo cristão.

As seções de obras científico-filosóficas e de romances, embora sejam formadas por gêneros textuais distintos – o que as faz atingirem, habitualmente, públicos diferenciados – sobrepõem tipos e suportes de informações, que, embora diversos, unificam-se numa mesma visão doutrinária, dentro do meio espírita. A classe dos romances acaba figurando como complemento da parte científico-filosófica, pois atua no sentido de corroborar as teses espíritas desenvolvidas nas obras que, no catálogo, como já foi registrado, esmiúçam todo o corpo de doutrina sobre o qual se faz o espiritismo. Assim, se os tratados tidos por científicos e filosóficos, direcionam-se teoricamente mais à razão, os romances, por sua vez, aproximam-se-iam mais da emoção, permitindo que os diversos consumidores dos escritos de teor espírita estivessem cercados de opções de leitura. Nesse sentido, a prática da leitura, como é afirmado no próprio catálogo de obras de 1946, é uma necessidade.

A crença cega é morta, comparável à luz mortiça dos ambientes fechados. É preciso ler, estudar, perquirir sempre, como quem sabe que o progresso e verdade são infinitos. Procurem os bons livros e terão adquirido um cabedal de vida eterna, patrimônio da alma (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1946: 42).

Quanto às demais seções: *Biblioteca espírita infantil*, *Esperanto* e *Edições alheias*, pode-se verificar que atuaram como complementares às duas principais rubricas, na tarefa de oferecer publicações diferenciadas e de convencer o leitor acerca do caráter necessário da sua leitura. A seção voltada às obras específicas para o público infantil mostra-se irregular: esteve presente no catálogo dos anos 1938, 1939, só voltando a aparecer no de 1949,⁷ com denominação alterada para *Literatura infantil*. É também a classe que apresenta o número mais reduzido de autores e obras inventariadas: registraram-se apenas dois autores e quatro livros durante o ano de 1938, o que se repetiu no ano seguinte. Já no catálogo de 1949 houve uma dilatação, em ambos os casos; no entanto, os autores passaram a ser apenas oito⁸ e, as obras treze, das quais seis pertenciam a Chico Xavier.⁹

Pelas sinopses exibidas, a tônica dessas obras não difere muito das demais publicações espíritas quanto à orientação didática e moralizante. Tem-se entre esses livros, por exemplo, um dedicado a ensinar “(...) em linguagem infantil os rudimentos gerais da Nova Revelação” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1938: 42) e outro que se recomenda para “(...) a construção moral, cívica e religiosa dos pequeninos de hoje, que serão os grandes de amanhã.” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1949: 43). As metas almejadas nesses livros, ao serem expurgadas do cariz espírita, convergem em muito com a feição dos demais livros “leigos” (ou religiosos cristãos, não espíritas) que compunham, em geral, as leituras infantis da época.

A seção *Esperanto* estava incumbida de patentear ao leitor espírita o conhecimento e o acesso às obras que possibilitassem tanto o aprendizado da “língua neutra internacional”, quanto a leitura dos clássicos, espíritas ou não, para aqueles que já fossem versados no idioma. *Esperanto* surgiu como uma rubrica específica somente a partir do catálogo de 1944,¹⁰ mesmo que já contasse com alguns títulos listados nos anteriores – três em 1938 e oito, em 1939. Já no catálogo de 1944 nota-se uma seção plenamente distinta, em que se listam 73 obras relacionadas ao tema, das quais 53 escritas em esperanto. No catálogo deste

⁷ É possível que essa seção tenha sido apresentada nos catálogos de 1947 e 1948, períodos não examinados nesta pesquisa.

⁸ Publicaram nessa seção: Fernando Flores e Antônio Lima, nos anos de 1938-39; Bittencourt Sampaio, Clóvis Tavares, Ester Calderon, Francisco Cândido Xavier, R. Hermínio, Leon Denis, Minimus e Philemon.

⁹ Os livros infantis atribuídos à mediunidade de Xavier foram: *Alvorada cristã*, *O caminho oculto*, *Os filhos do grande rei*, *História de Maricota*, *Mensagens do pequeno morto* e *Jardim de infância*.

¹⁰ É possível que essa distinção tenha ocorrido entre os anos de 1940 e 1943, visto que esses volumes não foram compulsados na pesquisa.

ano observa-se também um empenho em justificar o aprendizado e a divulgação da língua criada pelo filósofo polonês Lázaro Luiz Zamenhof:

Esperanto é uma língua da cultura e da fraternidade. Tôda [sic] pessoa progressista e de bons sentimentos deve aprendê-la e divulgá-la. Facilíma de aprender-se sem auxílio [sic] de mestre, só pelos livros, e seu conhecimento descortina imensos horizontes novos ao estudioso (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1944: 61).

Nos catálogos dos anos subsequentes, identifica-se não só a consolidação dessa seção, como o seu crescimento, ao ponto de serem contadas, em 1946, oitenta e seis livros; e em 1949, duzentas e dezoito obras inventariadas no catálogo, só em esperanto, lado a lado com livros sobre esta língua – em português e em traduções, do inglês, do francês e do espanhol (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1946: 55 e FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1949: 61).

O interesse insólito e crescente da FEB em relação ao esperanto, conforme se pode verificar pelo empenho em inserir essas obras no catálogo, pode ser interpretado, por um lado, como mais uma forma de ratificar o discurso universalista de fraternidade apregoado pelo espiritismo de cariz cristão, e que já se vinha sendo divulgado através de uma gama de publicações. Por outro lado, pode também ser compreendido dentro de um contexto maior de valorização de um discurso internacional, encabeçado pela Organização das Nações Unidas (ONU), no cenário do pós-guerra, cujo objetivo era contrapor-se às posturas xenófobas e imperialistas de determinadas nações.

Por fim, a seção denominada *Edições alheias* (chamada, no catálogo de 1939, “Diversos”) foi encontrada apenas nos catálogos de 1938 e de 1939. Nas demais edições, as páginas ocupadas por esse segmento recebem a seção *Esperanto*. Em ambos os registros da seção *Edições alheias* assenta-se o número de trinta e um autores e cinquenta e oito livros listados. Neles, há uma variedade que contempla desde obras espíritas produzidas por outras editoras até livros diversos de moral religiosa (entre eles a Bíblia e o Novo Testamento), livros de referência (como dicionários ou gramáticas de língua estrangeira), ou mesmo obras que abordam assuntos gerais, como psicologia e homeopatia.

O conjunto de publicações que abrange as chamadas *Edições alheias*, embora não tenha sido editado pela FEB, foi, em determinado momento e devido a determinados motivos, aceito como componente do repertório de leitura útil ao praticante da “doutrina dos espíritos”.

Em todos os assuntos privilegiados é possível verificar pontos de convergência com o projeto intelectual espírita que se buscava constituir à época e do qual o catálogo surgia como expressão material e veículo.

O tratamento dado às publicações alheias no interior da publicação revela indícios daquilo que Bruno Latour chama de “sistema de inscrição” (LATOURE, 2008: 21-44) que consistiria, no caso, em considerar o catálogo como lugar de inscrição que tem o poder de definir o que prevalece como centro – no caso as obras espíritas listadas nas rubricas principais – e o que deve ser fixado como periferia, ou seja, as obras não publicadas pela Livraria Editora da FEB. Estas obras deixariam de figurar em catálogo, já na década de 1940, o que pode ser explicado por ter sido, justamente, nesse momento, em que parece ter havido uma inflexão em relação à edição de obras espíritas no Brasil, orientando os esforços da FEB para a especialização em determinados tipos de livros.¹¹

Ainda no tocante aos temas e às obras ditas alheias, o lugar que os livros relacionados às temáticas católicas ocupam em alguns números da publicação é relevante. Espíritas ou não, psicografados ou não, alguns livros apresentados no catálogo da FEB reincidem em matérias que denotam certa aproximação com os assuntos afins ao universo católico. Assim, na quarta capa do catálogo de 1938, praticamente todo espaço é ocupado na promoção do livro *O padre, a mulher e o confessorário*, de Chiniquy (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1938). Nessa mesma esteira, encontra-se o livro *O cristianismo do Cristo e o dos seus vigários*, do autor Padre Alta, que analisa, segundo se lê no catálogo de 1938, como a Igreja e seus dogmas deformaram progressivamente “a Religião do Cristo” (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1938: 12). Entre os romances, *O rosario[sic] de coral*, do médico neurologista A. Wylm (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1938:52), constrói uma trama que angariou significativo sucesso de público nos anos 1930 e 1940, cujas tópicas principais também pertencem ao ambiente católico.¹²

Esse aspecto pode ser lido pela chave da relativa dependência que o espiritismo apresentava em conexão ao catolicismo, no Brasil das décadas iniciais do século XX (GIUMBELLI, 1997). Ao encontrar-se, muitas vezes, constrangidos pela predominância católica, os espíritas recorriam, frequentemente, aos assuntos pertinentes ao campo católico

¹¹ Entre os quais, os livros do jovem Chico Xavier.

¹² Pode-se conferir na mesma linha: E. Schuré, *História dos papas*; de Manoel Arão, *O claustro*; de Almerindo Martins, Antonio de Pádua; de Joaquim Pimenta, *A questão social e o catolicismo*; de José Amigo y Pellicer, *Roma e o evangelho*; de Sousa Prado, *Padres, médicos e espíritas*, entre outros, frequentemente visualizados nos catálogos da FEB.

concorrente, tanto para conhecer-lhes os pontos críticos, como para dele absorver aqueles se somariam ao seu projeto intelectual de fisionomia cristã. Acrescente-se, por último, o fato de muitos dos seguidores da doutrina espírita serem oriundos da tradição católica, assim como a maior parte da população brasileira à época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Note-se que há no catálogo um conjunto de obras que deviam ser adquiridas, lidas em bloco e quase sempre dentro de uma lógica de acumulação e de complementaridade uma em relação à outra. Contudo, como assevera Christian Jacob, a acumulação pura dos livros deve vir acompanhada de um projeto intelectual, de uma ordenação e de uma “sintaxe” que atribuam significado ao inventário de obras e autores dentro de um campo específico (JACOB, 2008: 46). Dessa maneira, tem-se, no Catálogo da FEB, a materialização de um discurso direcionador oriundo daquela “voz institucional” da FEB que secciona, insere e exclui, classifica e hierarquiza, obras e autores pertencentes ao universo espírita, direta ou indiretamente.

É notável como, ao longo das décadas de vigência do catálogo,¹³ a ordem dos livros e dos demais documentos relacionados por tema e campo de conhecimento, acaba por configurar outra ordem, a de uma bibliografia. Com o catálogo da FEB há, assim, a invenção de um espaço próprio para as edições espíritas, ao mesmo tempo em que se esboçam os contornos de uma bibliografia espírita ideal. Essa construção se realiza por meio da constante prescrição dos textos a serem lidos, dos comentários tecidos em torno deles, das citações de autoridades do campo religioso espírita, que reiteravam constantemente a necessidade de acesso e de uso das obras tidas como constituidora do perfil espírita ideal. Nesse sentido, aquele que lê, estuda e perquire e, sobretudo, que o faz através de bons livros – prescritos pelo catálogo da FEB – construiria um cabedal para a vida eterna, como citado anteriormente (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1946: 42).

Ao ter mapeado, portanto, o horizonte de leituras e a topografia de temas que o espírita brasileiro tinha ao seu dispor durante as décadas de 1930 e 1940, é possível constituir o

¹³ Aqui se refere apenas aos anos analisados na pesquisa. Contudo, o catálogo já existia antes e continuou a existir posteriormente aos anos enfocados neste trabalho.

horizonte de expectativa dos leitores então considerados praticantes do kardecismo no Brasil, calcado na recepção de obras de cunho supostamente científico e filosófico, como os livros do próprio Allan Kardec e livros de instrução moral, dentre os quais os romances, cuja função primordial era provocar a emoção e edificação moral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- DUTRA, Eliana Freitas. A tela imortal. O Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 37, p. 159-179, 2005.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Catálogo da Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira*, 1938, 1939, 1944, 1945, 1946, 1948, 1949.
- _____. *O livro espírita na FEB: catálogo geral*. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 1992.
- GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). *O poder das bibliotecas: a memória os livros no Ocidente*. Rio e Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p.45-73.
- LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). *O poder das bibliotecas: a memória os livros no Ocidente*. Rio e Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 21-44.
- LEWGOY, Bernardo. *Os espíritos e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo Kardecista*. São Paulo – SP, 2000, Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo.

SANTOS, José Luiz dos. *Espiritismo: uma religião brasileira*. São Paulo: Moderna, 1997.

SCHUBERT, Sueli Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

SOUZA, Juvanir Borges de. *Esforço Histórico da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro: FEB, 1984. Disponível em: <www.febnet.org.br>. Acesso em 12 jun. 2012.